

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 29 No. 2 2016

OS SAPATOS DOS LOBEIROS-BALEEIROS: PRÁTICAS DE CALÇAR NAS ILHAS SHETLAND DO SUL (ANTÁRTICA)

Gerusa de Alkmim Radicchi¹

O presente trabalho trata das práticas de calçar dos grupos lobeiros-baleeiros que estiveram na Antártica entre o final do século XVIII e o início do século XIX. Baseia-se na análise arqueológica de sapatos encontrados nos abrigos localizados na ilha Livingston (Arquipélago Shetland do Sul, Antártica Ocidental), resgatados pela equipe do Laboratório de Estudos Antárticos em Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (Leach/UFMG) durante expedições realizadas por meio das Operações Antárticas Brasileiras (OPERANTARes) nos anos 2010, 2011, 2012 e 2014. O Leach é integrante do projeto “Paisagens em Branco”: Arqueologia Histórica Antártica, que investiga os processos humanos de ocupação do continente desde os primeiros momentos até a contemporaneidade. Uma das principais linhas de investigação do projeto é a compreensão das identidades e das estratégias de trabalho e de sobrevivência dos grupos de caçadores de mamíferos marinhos vanguardistas na ocupação do continente.

Os lobeiros-baleeiros chegavam à Antártica por meio de companhias de navegação provenientes principalmente de cidades da Nova Inglaterra (Estados Unidos), como Nantucket, New Bedford e Lynn (Massachusetts). Eram contratados para trabalhar durante dois ou mais anos nas embarcações baleeiras, até o abarrotamento de seus porões com o óleo, pele e ossos extraídos dos animais. Os navios percorriam mares do oceano Atlântico, Pacífico ou Índico em busca das baleias, bem como realizavam comércios paralelos e novas contratações de tripulantes nas cidades portuárias por onde passavam. A caça de elefantes e de lobos marinhos ocorria em regiões costeiras, sendo atividade complementar à caça das baleias em alto-mar. Nesse contexto, grupos de caçadores eram deixados temporariamente nas ilhas do arquipélago Shetland do Sul durante a passagem pelo mar de Drake. Organizados em grupos de cerca de cinco pessoas, construía nas praias os acampamentos com a infraestrutura necessária para habitar, caçar, processar a gordura e armazenar os produtos dos elefantes e lobos marinhos. (SENATORE & ZARANKIN, 2001).

A região da Nova Inglaterra destacou-se no final do século XVIII e início do XIX tanto pela liderança na atividade da baleação, quanto pela vanguarda na

¹ Mestrado em Antropologia com linha de investigação em Arqueologia Histórica pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015). Doutoranda pela Universitat Politècnica de València (València, Espanha). Endereço: Carrer del Serpis, 27, 46022 València. E-mail: gerusaradicchi@hotmail.com. Telefone: +34 61786.9781.

produção e exportação de calçados. Algumas destas cidades foram importantes para a transição da produção calçadista artesanal para a industrial, dividida em três etapas principais de mudança: aumento da velocidade e da compartimentação da confecção, aparecimento dos departamentos (de corte, costura, montagem, assentamento, encaixotamento e envio) e vinculação da mecanização (cerca de 1860) (BLANCHE, 1921). Parte desta produção calçadista pujante e parcialmente industrializada foi direcionada ao abastecimento das lojas de artigos para o mar (*outfitts*), revendedoras de roupas e calçados para as tripulações baleeiras (SALERNO, 2011). Articulados com os agentes contratadores – os “tubarões” (PEASE, 1918) – e com os donos das companhias baleeiras, conduziam os marinheiros recém-contratados à compra dos artigos dos *outfitts* por meio de adiantamento e da concessão de crédito. Tal comércio era duplamente oportunista, pois se aproveitava da ingenuidade dos menos experientes e vendia equipamentos e vestuário inadequados para o mar, de baixa qualidade e sob altos juros.

No mar a dívida aumentava porque os armazéns da tripulação eram a principal fonte de compra de artigos pessoais. Um marinheiro experiente sabia que era melhor ter parcimônia com respeito ao uso do vestuário. Deveria dormir com as mesmas roupas usadas para esquartejar e derreter a gordura das baleias, adiando também toda oportunidade de se lavar até que os barris de óleo fossem guardados no porão e o navio fosse totalmente esfregado e limpo (PILBRICK, 2003). Thomas Nickerson – iniciante no baleeiro Essex (Nantucket, 1828-1829) com apenas quatorze anos de idade –, enojado com a mistura de sujeira, sangue água e gordura que impregnava seu corpo e cabelo durante os dias de processamento das baleias, trocava-se imediatamente ao final de cada turno de trabalho. Quando a capa da primeira baleia havia sido toda derretida, Nickerson percebeu que já havia estragado todas as suas roupas e sapatos, sendo obrigado a comprar novos itens a preços extorsivos no armazém da tripulação (PILBRICK, 2003). Nickerson estimou que, ao regressar a Nantucket, poderia chegar a acumular uma dívida de quase 90% dos honorários a serem recebidos pelos trabalhos prestados no Essex (PILBRICK, 2013).

Perdido temporariamente o contato com os navios, nos acampamentos de caça das ilhas Shetland do Sul a reposição de artigos era ainda mais restrita. As marcas de desgaste, as avarias e a presença de consertos sucessivos nos calçados resgatados dentre os vestígios arqueológicos da ilha Livingston² indicam intensidade de uso, em detrimento da possibilidade de adquirir novos pares. A regularidade dos modelos e das técnicas construtivas da coleção também reforça a hipótese da articulação entre a produção regional parcialmente industrial, os *outfitts* e as tripulações lobeiras-baleeiras originárias da Nova Inglaterra.

Quase a totalidade dos calçados encontrados são sapatos. A modelagem do cabedal está dividida em três partes: gáspea, lateral – unida à orelha e ao traseiro – e forro. A língua é curta e o enfraque é baixo. O fechamento é simples e frouxo, constituído por apenas um par de furos para passagem do cadarço.

² Encontramos mais de cem fragmentos e partes em onze sítios. Doze unidades puderam ser remontadas. Punta Varadero (Península Byers), Pencas 3 (Península Byers) e PX-1 (Punta Elefante) são os que apresentam maior quantidade de registros de vestígios relacionados a calçados.

Todos os exemplares possuem um estreitamento na cintura do sapato correspondente ao ajustamento necessário para fixar o calçado ao pé durante o caminhar (HEADLEY, 1882). O meio de fixação da sola ao cabedal é a vira: uma tira que une por meio de costura a sola interior e o cabedal à sola exterior. Os saltos são constituídos pela união de cinco a seis placas de couro pregadas através de cavilhas de madeira. Todos possuem cabedal e solado feitos de couro de boi curtido com taninos vegetais.

Práticas construtivas antigas e populares coexistiram com tendências industrializantes da produção de calçados no século XIX, sobretudo a convivência da produção tradicional com a produção em larga escala. O modelo de cabedal identificado nos sapatos de Livingston é frequente desde o período elisabetano (séculos XVII e XVIII) (GOUBITZ *et. al.*, 2001). A vira foi usada desde a Idade Média como meio eficaz de proteção da costura da sola inferior de contato direto com o solo. A cavilha de madeira foi uma antiga alternativa ao uso dos pregos metálicos que se popularizou após o surgimento das cavilhas produzidas mecanicamente em 1810 (BARLOW, 1991). Os formatos das pontas dos sapatos variam entre pontiagudos, gradativamente rechaçados nos primeiros anos do século XIX, e os arredondados, mais populares a partir das décadas de 1820-30 (LIMA, 2008). Os eixos centrais dos calçados ou são retificados, conforme a tendência dos séculos anteriores, ou possuem uma suave diferenciação entre o pé direito e o esquerdo, seguindo a tendência do século XIX. Com a industrialização e a produção em série, os sapateiros deixaram de aproveitar o mesmo molde de calçado para o par, passando a projetar a curvatura natural dos pés nos moldes.

Calçados arqueológicos trazem informações sobre a intensidade, trajeto, carga e a forma de trabalhar das pessoas. Refletem a saúde, o bem-estar e o nível socioeconômico (WHIDE & BEAUDRY, 2009). Indicam finalmente algumas condições pelas quais as pessoas se relacionam com seu entorno. Tal abordagem nos permite evidenciar situações conflitivas e de estresse no cotidiano dos lobeiros-baleeiros envolvendo o uso dos calçados. Experiências reflexivas e desencadeadoras de transformação de práticas corporais dos lobeiros-baleeiros, tanto no navio quanto na Antártica.

Palavras-chaves: Arqueologia Antártica, Calçados Arqueológicos, Lobeiros-Baleeiros.